

TIPOLOGIAS DA HABITAÇÃO VERTICALIZADA NO ENSINO DE PROJETO ARQUITETÔNICO: ‘EDIFÍCIO PAVILHÃO’ x ‘EDIFÍCIO QUADRA’

CÂMARA, Andréa (1); TRINDADE, Isabella (2); RAPOSO ANDRADE, Paulo (3); STORCH, Andrea (4), ERLICH, Márcio (5)

- (1) Arquiteta, M.Sc., Prof., Departamento de Engenharia e Arquitetura, Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP)- e-Mail: andrea@unicap.br
- (2) Arquiteta, M.Sc., Prof., Departamento de Engenharia e Arquitetura, Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP) - e-Mail: faks@hotmail.com.br
- (3) Arquiteto, M.Sc., Prof., Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) - e-Mail: pauloraposoarq@uol.com.br
- (4) Arquiteta, M.Sc, Profa, Departamento de Engenharia e Arquitetura, Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP) - e-Mail: astorch@br.inter.net
- (5) Estudante de Arquitetura e-Mail: marcioerlich@hotmail.com

RESUMO

No Recife, é na década dos 40 que se inicia o processo de verticalização urbana com o surgimento dos primeiros “arranha-céus”. Na origem desse processo de verticalização, estava a crescente escassez de terrenos vazios nos bairros centrais, as pressões do mercado imobiliário pelo máximo aproveitamento econômico dos terrenos disponíveis, a difusão de inovações tecnológicas tais como o concreto armado e o próprio elevador, bem como um desejo coletivo de “modernização” da cidade. Ao longo das décadas seguintes a multiplicação desses edifícios verticais, de uso comercial, habitacional ou misto, foi modificando profundamente a paisagem da cidade e o modo de vida de seus cidadãos. Hoje, o edifício vertical de habitação multifamiliar —isto é, a torre de apartamentos— constitui elemento definidor da paisagem da cidade e tema recorrente na prática profissional do arquiteto e também no ensino da arquitetura. O Objetivo do presente trabalho é contribuir para definição de ‘padrões tipológicos’ característicos da arquitetura habitacional verticalizada produzida no Recife. Entende-se que tais padrões tipológicos podem constituir estruturas conceituais úteis na prática e no ensino do projeto arquitetônico. Foram estudadas duas tipologias habitacionais: o ‘edifício quadra’ e o ‘edifício pavilhão’. A conceituação de tais tipologias foi desenvolvida na pesquisa de iniciação científica desenvolvida pelo aluno Márcio Erlich sob a orientação da professora Andréa Câmara, no ano de 2003.

ABSTRACT

No Recife, é na década dos 40 que se inicia o processo de verticalização urbana com o surgimento dos primeiros “arranha-céus”. Como se sabe, o início e a consolidação desse processo de verticalização foram favorecidos pela crescente escassez de terrenos vazios nos bairros centrais, pelas pressões do mercado imobiliário pelo máximo aproveitamento econômico dos terrenos disponíveis, por inovações tecnológicas tais como o concreto armado e o próprio elevador, bem como por um desejo coletivo de “modernização” da cidade. Ao longo das décadas seguintes a multiplicação desses edifícios verticais, de uso comercial, habitacional, ou misto, foi modificando profundamente a paisagem da cidade e o modo de vida de seus cidadãos. Hoje, o edifício vertical de habitação multifamiliar —isto é, a torre de apartamentos— constitui elemento definidor da paisagem da cidade e tema recorrente na prática profissional do arquiteto e também no ensino da arquitetura.

INTRODUÇÃO

No Recife, é na década dos 40 que se inicia o processo de verticalização urbana com o surgimento dos primeiros “arranha-céus”.¹ Na origem desse processo de verticalização, estava a crescente escassez de terrenos vazios nos bairros centrais, as pressões do mercado imobiliário pelo máximo aproveitamento econômico dos terrenos disponíveis, a difusão de inovações

¹ (Na verdade, desde 1928 estavam licenciados pela Prefeitura os primeiros projetos de arranha-céus no Recife. Todavia só em 1948 foi terminado o edifício ‘Duarte Coelho’, que, com seus 14 pavimentos, abrigando apartamentos residenciais, salas comerciais e o cinema ‘São Luiz’, foi anunciado como o primeiro arranha-céu da cidade.)

tecnológicas tais como o concreto armado e o próprio elevador, bem como um desejo coletivo de “modernização” da cidade.

Ao longo das décadas seguintes a multiplicação desses edifícios verticais, de uso comercial, habitacional, ou misto, foi modificando profundamente a paisagem da cidade e o modo de vida de seus cidadãos. Hoje, o edifício vertical de habitação multifamiliar —isto é, a torre de apartamentos— constitui elemento definidor da paisagem da cidade e tema recorrente na prática profissional do arquiteto. É a arquitetura do edifício vertical de habitação multifamiliar que constitui o objeto de estudo da presente pesquisa.

Considerando o universo da arquitetura residencial verticalizada produzida no Recife nas cinco décadas analisadas, é evidente à primeira vista a enorme diversidade de formas, arranjos e soluções arquitetônicas realizadas. Todavia, uma hipótese da pesquisa é a de que, por trás da aparente diversidade e variedade de obras específicas, estão alguns poucos ‘tipos’ invariáveis, que constituiriam ‘padrões tipológicos’ determinados e definidos, dos quais as inúmeras obras concretas constituem reflexos ou variações.

Como se sabe, ‘padrões tipológicos’ referidos são representações simplificadas e inteligíveis de determinado conjunto de obras arquitetônicas concretas. Tais padrões permitem categorizar, classificar, organizar, em um todo sistemático, o que era até então visto como um conjunto de casos aparentemente diversos, singulares e mais ou menos desconexos.

Em arquitetura, um ‘padrão tipológico’ pode ser definido por um determinado arranjo planimétrico, altimétrico, volumétrico, espacial, geométrico, topológico, funcional, cromático... O crucial é que tal arranjo defina e determine qualidades essenciais do objeto arquitetônico analisado. Para autores como Aldo ROSSI, um ‘padrão tipológico’, enquanto princípio geral que unifica fatos particulares, constituiria uma espécie de “arquétipo arquitetônico”. Esses padrões se conformam através de longos, lentos e complexos processos de “sedimentação histórica”; no fim do quais determinadas soluções arquitetônicas “cristalizam-se”; se não como modelos dogmáticos, pelo menos como fontes e pontos de partida para a criação e a inovação arquitetônica

É óbvio que, na pesquisa arquitetônica, a formulação de tais ‘padrões tipológicos’ não é um processo aleatório ou arbitrário. Tais padrões são formulados para servir a determinados propósitos definidos, eles são como lentes empregadas para enxergar melhor um conjunto de objetos arquitetônicos. O que interessa na investigação tipológica são os traços invariáveis de um determinado conjunto de objetos arquitetônicos. O que se procura são as propriedades essenciais desses objetos para —abstraindo a partir destas propriedades— construir classificações e categorias, de modo que possam constituir estruturas conceituais úteis na prática e no ensino do projeto arquitetônico.

ARQUITETURA RESIDENCIAL VERTICALIZADA: O EDIFÍCIO TORRE E O EDIFÍCIO QUADRA

A pesquisa desenvolvida teve como foco a arquitetura residencial verticalizada classificadas em dois grupos de acordo com sua tipologia de implantação no lote.

O que chamamos de edifício-quadra constituía o edifício que ocupava o perímetro do lote, não possuindo recuos em relação aos lados deste. [FIGURA 01] Este tipo de ocupação ocorreu nas décadas de 50 e 60 e definia o que se chama ‘rua corredor’. A maior concentração deste tipo de edifício encontra-se no bairro da Boa Vista e bairros próximos, justamente por serem bairros onde surgiram os primeiros edifícios verticais da cidade. Esses edifícios são marcados pela predominância do uso misto com térreo e sobrelojas destinados a comércio e os pavimentos superiores a apartamentos de uso residencial. A presença do comércio no pavimento térreo, caracterizava um edifício bastante permeável, sempre ocorrendo um acesso exclusivo para os apartamentos. A falta de espaço destinado à guarda de carros constituiu-se um grave problema que posteriormente levou ao abandono do uso habitacional nestes edifícios.



FIGURA 01: Edf. Walfrido Antunes (1956), Edf. Pirapama (1956), Edf. Carolina (1966), Edf. Suape (1962), Edf. Apolonia (1952)Foto: Marcio Erlich.

Os primeiros edifícios-quadra apresentam volumetria tripartida bem definida. O pavimento térreo e a sobreloja geralmente eram recuados, criando um passeio coberto pela calçada. No edifício Duarte Coelho [FIGURA 02], projetado em 1943, deixa-se à mostra alguns de seus pilares, enquanto no edifício Ouro (1950) [FIGURA 3] projetam-se marquises em balanço, deste modo além das larguras das calçadas ficarem mais generosas, o pedestre ganhava uma proteção contra o sol e a chuva, tão característicos do clima recifense.

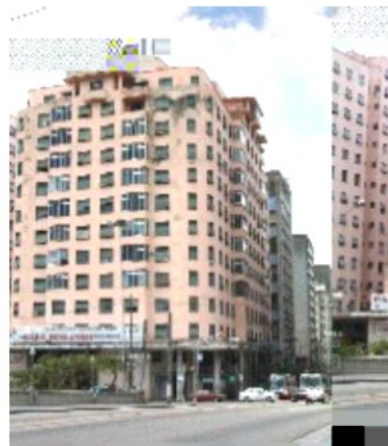
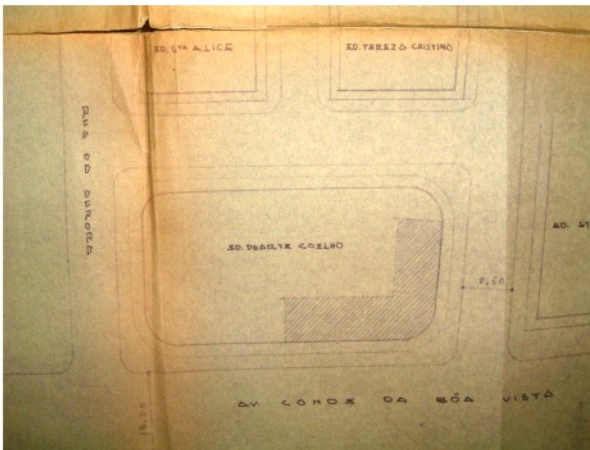


FIGURA 02: Edifício Duarte Coelho. 1943. Situação Fonte: Prefeitura da Cidade do Recife. Foto: Marcio Erlich

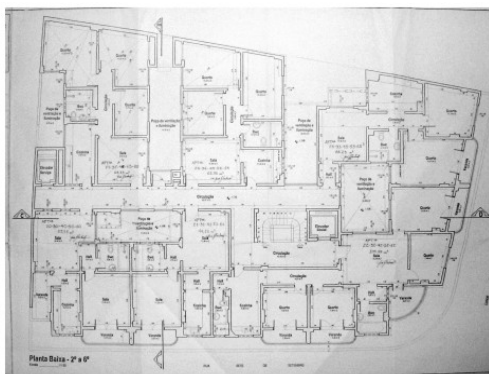
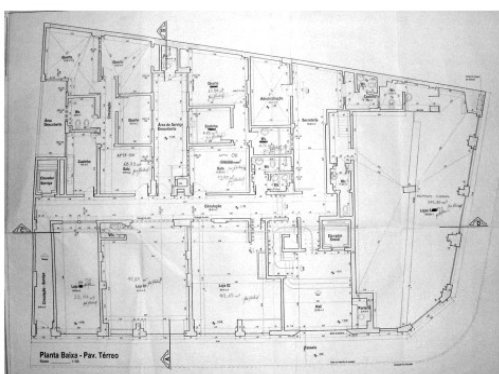


FIG 03: Edifício Ouro. 1950. Planta Baixa – Térreo e 6 Pavimemnto. Fonte: Prefeitura da Cidade do Recife. Foto: Marcio Erlich

Nos edifícios-quadra podem ser encontrados uma grande diversidade de apartamentos-tipo, sendo em sua maioria apartamentos compactos, com programas mínimos. O programa dos apartamentos-tipo pode variar num mesmo pavimento, podendo ir de 1 cômodo apenas a apartamentos de 15 cômodos, bem como variar de pavimento para pavimento. O programa básico é de sala, quartos, varanda, cozinha e banheiros sempre um de uso social e um de serviço. Os edifícios-quadra têm geralmente uma circulação vertical² comum aos apartamentos. Em alguns casos eles possuem uma segunda circulação vertical que dá acesso a um número menor de apartamentos. Em muitos edifícios-

² A circulação vertical compreende o elevador e/ou escada.

quadra não há distinção entre hall social e hall de serviço; é comum encontrar um único corredor para acesso a todos os apartamentos, ao elevador e à escada.

A partir dos anos 60, a elaboração de uma nova legislação de uso e ocupação do solo, muda definitivamente o modo de construir na cidade. Esta nova legislação baseada na postura modernista definida por Gropius, que em 1930, argumentava que “quanto mais alta a edificação, maiores as distâncias para o limite do lote”, determinou o modo de ocupação das novas edificações nos bairros afastados do centro, cuja ocupação era essencialmente de casas. Essas novas edificações constitui o outro grupo de edifícios estudados, o edifício-torre.

Essa nova fase da arquitetura, provocada pela mudança da legislação, estabeleceu uma nova relação entre o edifício e a rua. Observa-se um distanciamento entre os edifícios e a rua e o surgimento dos muros como elementos que definem uma nova paisagem para a cidade. O muro, como uma barreira urbana, rompe a ligação direta entre o edifício e a rua, característica do edifício-quadra, restringindo o acesso dos pedestres ao edifício. [FIGURA 04 E 05]

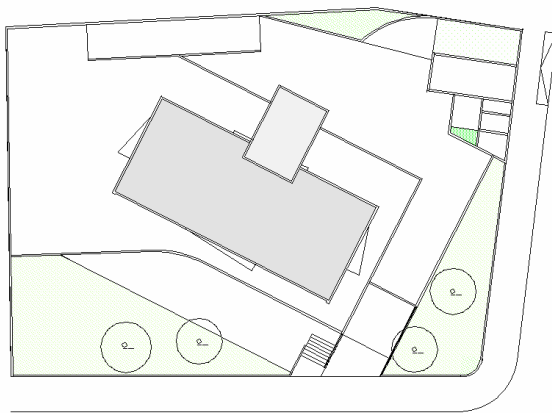


FIGURA 04: Edifício Bonneville. 1999. Implantação do edifício no lote.
Fonte: Andrade&Raposo Arquitetos. Foto: Marcio Erlich



FIGURA 05: Edifício Artemis. 1999. Foto: Marcio Erlich

Os edifícios-torre são predominantemente de uso residencial, no entanto, agora faz-se necessário incluir no programa local apropriado para a sua guarda de veículos. Então surgem os chamados pavimentos-garagem, uma nova edificação que ultradassa os limites de projeção da torre e que define a base da volumetria da edificação. Este tipo de edifício passa a ter apenas dois acessos: o de pedestre, geralmente controlado por uma guarita, e um acesso independente para o veículo.

A volumetria dos edifícios-torre, em quase sua totalidade, é tripartida. Na base estão os pavimentos-garagem, os pavimentos-tipo formam o corpo e o coroamento é feito por uma deformação do pavimento-tipo (apartamento duplex) ou pela criação do pavimento-cobertura, geralmente destinado a uso comum dos moradores. Graças a um artifício da Lei de Uso e Ocupação do solo, que permite recuos menores para os elevadores e escada, a circulação vertical

passa a compreender um volume independente do bloco do edifício, acentuando a marcação de verticalidade. Estes edifícios passam a compor a paisagem de maneira independente do seu entorno, constituindo-se em alguns casos, verdadeiras esculturas na escala da cidade.

O programa dos edifícios-torre se ampliam e aparece a chamada área de lazer, que constitui espaços de uso comum e podem estar localizados acima dos pavimentos-garagem ou no último pavimento. O programa para os apartamentos-tipo passa a ser único e o número de apartamentos-tipo por pavimento se reduz para um ou dois. O número de banheiros cresce no edifício-torre. Já se encontra suítes, e em alguns edifícios, mais de 1 quarto suíte. O área dos quartos e dos banheiros são menores do que nos apartamentos do edifício-quadra. Enquanto no edifício-quadra os banheiros tinham earea quase igual à área dos quartos, no edifício-torre o banheiro passa a ter 1/3 da área dos quartos. O espaço do apartamento-tipo é mais fluido, apresentando espaços mais amplos, menos compartimentados, e sem cômodos intermediários entre os ambientes, e por esta razão, mais integrados. O hall comum dos apartamentos é dividido em hall social e hall de serviço, que são conectados entre si. O hall de serviço se comunica com a circulação vertical a escada e o elevador de serviço. .[FIGURA 06]

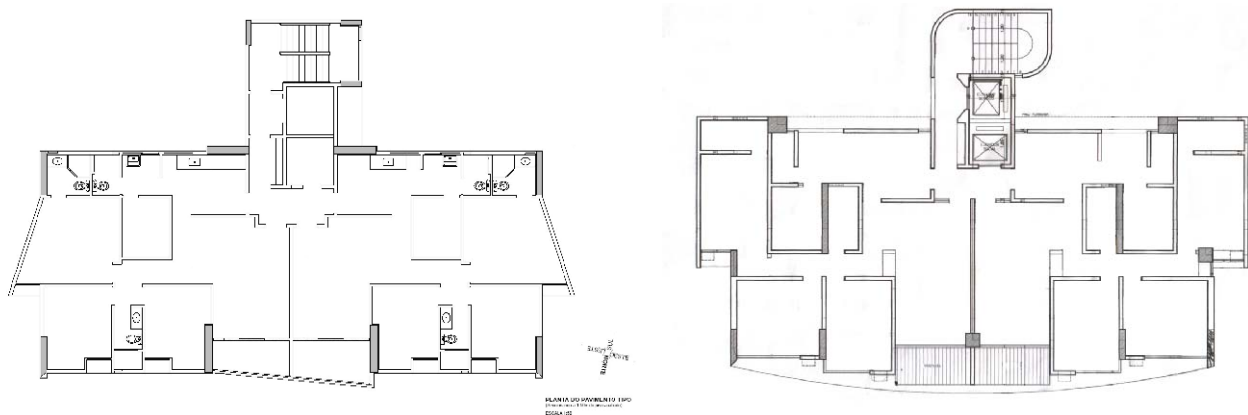


FIGURA 06: Edf. Bonneville e Edifício Artemis. 1999.
Planta Baixa do pavimento Tipo. Fonte: Prefeitura da Cidade do Recife.

UM METODO DE ENSINO DE PROJETO

O fato de estarmos sempre partindo de um conhecimento existente para gerar novos conhecimentos, ao contrário do que se pode pensar, nos dá a liberdade de criação. Segundo Quatremère de Quincy [1832] “a arte de edificar nasce de um germe preexistente; nada vem do nada...o tipo é uma espécie de cerne em torno do qual, e de acordo com ele, são ordenadas todas as variações de que um objeto é suscetível”. Essa citação já indica que a partir do conceito de tipos é possível se ter uma metodologia de projeto que seja baseada no estudo aprofundado de certos padrões tipológicos. O conceito de tipo pode ser empregado tanto para analisar os fenômenos históricos da arquitetura como também para projetar arquitetura.

Os ‘padrões tipológicos’ buscados na pesquisa servirão de referências, não modelos, para a prática projetual em sala de aula. A partir da definição de dois tipos de edifícios residenciais verticais, o edifício-quadra e o edifício-torre, será possível elaborar estruturas que auxiliem os estudantes a encontrar o partido arquitetônico e a desenvolverem o projeto da edificação. Abstraindo-se da composição da edificação e detendo-se aos padrões das relações existentes de suas partes, será possível elaborar um conjunto de possibilidades arquitetônicas cabíveis. Portanto espera-se que as soluções arquitetônicas possuam uma consistência teórica e fundamentos mais sólidos, resultando numa composição menos formalista.

Segundo Mahfuz [2002] “Uma consequência importante do emprego do método tipológico é a implicação de que as formas não são eternamente ligadas às funções para as quais foram projetadas. Pelo contrário, formas arquitetônicas tem o potencial de conter, e de fato contém, uma multiplicidade de funções através do tempo. Mas, talvez, o benefício mais importante que se

possa obter do entendimento do conceito de tipo é que nos possibilita fazer uso de toda história da arquitetura como fonte de pesquisa e inspiração, já que, ao estudar essa história desde um ponto de vista tipológico, o que o arquiteto extrai dela são princípios , não formas literais.”

BIBLIOGRAFIA

LARA, Fernando. Marques, Sônia. **Desafios e conquistas da pesquisa e do ensino de projeto**. Rio de Janeiro: Editora Virtual Científica, 2003.

MAHFUZ, Edson. **O clássico o poético e o erótico e outros ensaios**. Porto Alegre: Editora Ritter dos Reis, 2002.

MONTANER, Josep Maria. **A modernidade superada**. Barcelona: GG, 2001.

PASSOS, Luiz Mauro do Carmo. **Edifícios de apartamentos**. Belo Horizonte: AP Cultural, 1998.

REIS FILHO, Nestor Goullart. **Quadro da arquitetura no Brasil**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1990.

ROSSI, Aldo. **A Arquitetura da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.